UNIVERSIDADE ABERTA

**E-FÓLIO A**

Nome: António José Estêvão Cabrita  
Número: 1002404  
Turma: 01

Licenciatura em Ciências de Informação e Documentação

**CULTURA PORTUGUESA**

Docente: Ana Cristina Assunção

Novembro 2011

A «Questão Coimbrã», mais que uma polémica entre os seus intervenientes releva a contestação de uma geração ao modelo político, à sociedade e à cultura que na altura era por estes tida como estagnada em resultado de um marasmo intelectual, pela falta de ideias, de politicas e de debates renovadores em resultado do período Regenerador, do Marechal Saldanha, imposto em 1851, igualmente estável, que então se vivenciava.

Em Coimbra, os que mais tarde viriam a ser apelidados de *Geração de 70*, ainda jovens exaltavam as ideias e os géneros literários vindos da Europa, agora mais próxima com a chegada dos Caminhos-de-ferro, fruto do progresso industrial e económico iniciado pelo fontismo, onde se constatava cada vez mais o contraste entre o que por cá se pensava e se fazia quando comparado com o resto da Europa. No entanto, esse “desenvolvimento provinciano”[[1]](#footnote-1) deu forma a uma burguesia diletante, a quem pouco interessava esse progresso contando com a sua riqueza. Para tanto, era necessário um certo conformismo e pouca reacção às questões políticas e sociais. A cultura padecia também de tal apoplexia, limitando-se a copiar modelos e a elaborar retóricas elaboradas, com pouca ou nenhuma crítica. Os fluxos migratórios aumentavam, principalmente para o Brasil. Estava assim criado todo um clima de marasmo nacional.

A dita polémica, iniciada por António Castilho, com a publicação de um posfácio em «Poema da Mocidade» de Pinheiro Chagas em1865, onde aproveita para criticar o grupo de jovens escritores. Por parte destes, com Antero de Quental, a resposta com questões de «Bom Senso e Bom Gosto» critica fortemente a “escola do elogio mútuo”[[2]](#footnote-2) e a mesquinhez, ou seja, a promiscuidade estabelecida entre as Instituições, os seus representantes e os que ali aspiravam.

Todavia, desde cedo que os jovens de Coimbra contestaram as Instituições dominantes, como a Universidade, cuja doutrina onde a liberdade de pensamentos não é permitida, se não corresponder aos interesses e às oligarquias existentes, onde “preferem imitar a inventar; e a imitar preferem ainda a tradução”[[3]](#footnote-3).

Assim, o percurso dos jovens escritores e contestatários daquela “Geração”, de que fazem parte entre outros Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e Teófilo Braga, culminaria nas *Conferências Democráticas no Casino Lisbonense* em 1871. Tinham estas Conferências por objectivos agitar mentalidades e discutir a sociedade mas sobretudo fazê-la participar com vista a reformá-la por dentro, de uma forma já não apenas restrita a Portugal.

As Conferências foram interrompidas e proibidas pelas autoridades.

**Bibliografia**

MACHADO, Álvaro Manuel. *A Geração de 70.* 4. Lisboa: Presença, 1998.

REAL, Miguel. *INTRODUÇÃO À CULTURA PORTUGUESA.* Lisboa: Planeta, 2011.

REIS, Carlos, e Maria da Natividade PIRES. *HISTÓRIA CRÍTICA DA LITERATURA PORTUGUESA : O Romantismo.* 2. Vol. V. Lisboa: Verbo, 1999.

SARAVAIVA, António J., e Óscar Lopes. *HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA.* 17. Porto Editora, 12010.

NP 418 (1988)

NP 3715 (1989)

NP 4285-3 (2000)

NP 4285-4 (2000)

1. Machado:1998, 23 [↑](#footnote-ref-1)
2. Saraiva: 2010, 800 [↑](#footnote-ref-2)
3. Quental, Antero. Bom Senso e Bom Gosto. *In* Machado: 1998, 76-77 [↑](#footnote-ref-3)